



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e  
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

## Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011

TÍTULO DO TRABALHO			
<b>O “Desenvolvimento” Regional e seus Resultados para a Classe Trabalhadora</b>			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
<b>Gilvana Machado Costa</b>	Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus Marechal Cândido Rondon	UNIOESTE	Graduando
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>Este trabalho tem por objetivo apresentar alguns elementos que possam contribuir para o entendimento de como algumas ações do Estado, como políticas de desenvolvimento, alteram as relações de trabalho na indústria de confecção. Através de um estudo de caso sobre a indústria de confecção de lingerie Fidelitá situada na cidade de Marechal Cândido Rondon – PR, à identificação da atuação dos Arranjos Produtivos Locais (APLs). A definição dada para esses arranjos é de que são “aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais, operando um conjunto de atividades correlacionadas, que apresentam vínculos de articulação, cooperação e aprendizagem”. Envolve a participação de empresas privadas, além de diversas instituições públicas voltadas à formação e capacitação de recursos humanos (como escolas técnicas e universidades), à pesquisa, ao desenvolvimento, à política e ao financiamento. O resultado da atuação dos arranjos tem apontado para o fato de que os trabalhadores ficam limitados a condições precárias de trabalho. Em Marechal Cândido Rondon a propaganda que tem sido veiculada é de que nesta cidade tem trabalho, porém as opções são as indústrias alimentícias (frigoríficos), que em pouco tempo resultam no adoecimento dos trabalhadores por conta dos movimentos repetitivos. O setor que tem-se apresentado como “melhor” opção é o de confecção, porém as formas de subordinação a que os trabalhadores estão sujeitos faz com que o empregador se utilize dessa “vantagem” para explorar ainda mais a força de trabalho que tem a sua disposição.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Trabalhadores; Industrialização recente; e Arranjos Produtivos Locais			
ABSTRACT			
<p>This work has for objective to present some elements that can contribute for the agreement of as some actions of the State, as development politics, modifies the relations of work in the confection industry. Through a study of case on the industry of confection of lingerie situated Fidelitá in the city of Marshal Cândido Rondon - PR, to the identification of the performance of the Local Productive Arrangements (APLs). The definition given for these arrangements is of that they are “territorial agglomerations of economic agents, social politicians and, operating a set of correlated activities, that present bonds of joint, cooperation and learning”. They involve the participation of private companies, beyond diverse public institutions directed to the formation and qualification of human resources (as schools techniques and university), to the research, the development, the politics and the financing. The result of the performance of the arrangements has pointed with respect to the fact of that the workers are limited the precarious conditions of work. In Marshal Cândido Rondon the propaganda that has been propagated is of that in this city it has work, however the options are the nourishing industries (refrigerating), that in little time they result on account in the adoecimento of the workers of the repetitive movements. The sector that has presented as “better” option is of confection, however the subordination forms the one that the workers are citizens makes with that the employer if uses of this “advantage” to still more explore the work force that has its disposal.</p>			
KEYWORDS			
Workers; Recent Industrialization, and Local Productive Arrangements			

O jornal O Presente<sup>1</sup> de março deste ano estampava a manchete: “Mercado de trabalho enfrenta rotatividade de mão-de-obra”, seguido da frase de que “Em Rondon o setor mais afetado com a constante troca de funcionários é o industrial”. Penso que esse meio de comunicação tem seu discurso voltado para a defesa dos industriais da cidade. O jornal insiste apontando que esses “problemas” são resultado da velha prática de forçar a saída do trabalho para receber o benefício social (seguro desemprego) e na tentativa de legitimar a sua fala dá voz as pessoas que tem “sofrido” com esse problema. Dentre as vozes estão o diretor de pessoas da Faville, indústria de alimentos, a presidente da Acimacar (Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Marechal Cândido Rondon), o gerente da agência dos trabalhadores e, por fim, o proprietário da fábrica de bolas Kagiva. O trabalhador não tem voz, este não é chamado para dar sua opinião, pois corre-se o risco de “descobrirem” que esta rotatividade pode estar vinculada as condições de trabalho sobre a qual os trabalhadores estão submetidos.

Longe de tomar esse meio de comunicação como um espelho das realidades passadas e presentes, encaro tal jornal como detentor de uma prática social constituinte da realidade social, que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações (MACIEL, 2004, p.15).

A matéria acima citada nos leva a pensar na realidade atual do processo de industrialização pelo qual tem passado esta cidade e os seus desdobramentos nos modos de viver e trabalhar dos trabalhadores.

O processo recente de industrialização tem sido visto como um avanço no “desenvolvimento” econômico da cidade, como gerador de emprego e renda. Visto dessa forma, a classe dirigente tem propagado um discurso de que Rondon tem trabalho, porém alguns problemas como a rotatividade são alguns dos “empecilhos” para esse crescimento. A partir disso, refletir sobre esse processo de industrialização recente nos remete a alguns estudos que percebem tal processo como um desenvolvimento planejado que visa o crescimento econômico não só de uma cidade, mas de regiões.

O estudo de Udilma Weirich sobre Marechal Cândido Rondon aponta que “o desenvolvimento busca regiões que apresentam potenciais adequados para a produção e escoamento dos produtos” (WEIRICH, 2004). Outros denominam essa “busca” como processo de reestruturação produtiva, que surge como resposta ao esgotamento de possibilidades de expansão do capital, daí a

---

<sup>1</sup> Jornal O Presente, ano 19 nº 3047, Marechal Cândido Rondon – PR, sexta feira, 11 de março de 2011, pág. 10 – 11. Sobre este jornal o colega Fagner Guglielmi Pereira realizou um estudo mais aprofundado analisando 10 anos desse jornal observando a construção de discursos e propagação de uma ideologia da classe dominante desta cidade.

necessidade de reorganizar a produção (CORRÊA, 1997). Ambas têm sua lógica. Porém, quando há esgotamento da reprodução do capital em determinada região um dos recursos utilizados é a busca por novos espaços para novamente efetivar a exploração de mais lucros. Ou como aponta Carvalhal:

A divisão territorial do trabalho ensejada pelo capital está articulada tanto à necessidade expansiva do capital, quanto à geografia própria do capital, isso significa que ao expandir reproduz as desigualdades espaciais, com valorização em alguns lugares e desvalorização em outros. À medida que a saturação do mercado e o excesso de acumulação aumentam, o capital precisa encontrar mecanismos de garantir a reprodução ampliada, seja através da valorização produtiva, seja pela reprodução virtual do capital financeiro. (CARVALHAL, 2007, p. 78)

Esses novos espaços tornam-se alternativas quando oferecem abundância de mão-de-obra, com poucas possibilidades de trabalho, e que, por sua vez, possam permitir uma baixa remuneração além de condições precárias de trabalho<sup>2</sup>. E ainda as novas regiões que se tornam alvo de investimentos para o capital são aquelas com disponibilidade de matéria prima ou que não tenha em seu histórico a experiência industrial.

A cidade de Marechal Cândido Rondon tem sido alvo não só de grupos de fora, como por exemplo, o grupo industrial alimentício Zadimel/Faville de Medianeira que a partir de 1999 se instalou na cidade. Mas algumas instituições têm realizado ações com o objetivo de atrair investimentos para a cidade e também para a região oeste. Um exemplo disso é Associação dos municípios do Oeste do Paraná (AMOP) criada ainda em 1969. A AMOP se posiciona (conforme informações contidas no site) como “entidade representativa dos municípios da região oeste do Estado do Paraná. Além dos municípios de outras áreas geográficas que pretendem associar-se” mediante proposta apresentada para a aprovação em assembléia geral desta entidade.

São os integrantes desta entidade e que atuam em diversos setores: instituições políticas – senadores, deputados federais e estaduais, prefeitos, câmaras de vereadores; instituições bancárias – Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal; instituições de ensino público – UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná), CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná), FUNDETEC (Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico); e profissionalizantes – SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), SENAC (Serviço Nacional de

---

<sup>2</sup> BORSOI, Izabel Cristina Ferreira. O trabalho, o consumo e os novos operários: a experiência de trabalhadores em região de recente industrialização. In. BORSOI, Izabel C. F.; SCOPINHO, Rosemeire A. (org.) Velhos Trabalhos, novos dias: modos atuais de inserção de antigas atividades laborais. CE: Fortaleza/São Carlos. Edições UFC/EDUFSCAR, 2007. A autora analisa o Estado do Ceará que tem se revelado uma região propícia para a instalação de indústrias e que buscam tais vantagens desde os anos 90.

Aprendizagem Comercial); serviços essenciais – COPEL (Companhia Paranaense de Energia), SANEPAR (Companhia de Saneamento do Paraná); dentre outras instituições como: Associações Comerciais e Industriais; Associações de Engenheiros e Arquitetos, Itaipu Binacional, Núcleo Regional de Toledo de Foz do Iguaçu e de Cascavel, EMATER (Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural), IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), , OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), ECOPARANÁ (Serviço Social Autônomo Ecoparaná), Sindicato dos trabalhadores Rurais, Associação Médica de Cascavel, COOPAVEL (Cooperativa Agroindustrial), Pastoral da Criança, CACIOPAR (Coordenadoria das Associações Comerciais e Empresariais do Oeste do Paraná), PARANACIDADE. As instituições que faziam parte e hoje são extintas são: a TELEPAR (Telecomunicações do Paraná S.A), e a FOZTUR (Foz do Iguaçu Turismo S/A).

Todas essas instituições, desde então, atuaram e atuam para promover o “desenvolvimento regional”, seja divulgando a região oeste como turística, seja para atrair novos empreendimentos e investimentos para os municípios.

A AMOP tem um plano de desenvolvimento cujos objetivos apresentados demonstram em certa medida como atuam as instituições que a integram. Dentre os objetivos destacam-se os seguintes: promover a divulgação de potencialidades e oportunidades que a região oferece, visando atrair novos investimentos de acordo com as opções estratégicas definidas para cada município; promover o debate permanente do processo de desenvolvimento da região, com a participação de agentes públicos e atores sociais; promover a realização de convênios com empresas nacionais e estrangeiras que visem o desenvolvimento regional: e realizar convênios, acordos, contratos e parcerias de interesse da entidade e dos municípios associados.

O “desenvolvimento” de regiões se dá, além da busca do capital por novos espaços, pelo incentivo das próprias instituições tanto públicas quanto privadas em atrair investimentos para regiões e municípios.

O papel desempenhado pela AMOP é relevante no sentido de que ao divulgar o potencial da região não considera os resultados desse “desenvolvimento” na vida dos trabalhadores. Por exemplo, quais são as possibilidades que um trabalhador do campo tem, quando este já não supre mais as suas necessidades, em vir para a cidade e ter como opção o trabalho na fábrica. A AMOP já tem a “solução”, pois o SENAC a apoia oferecendo cursos de aprendizagem na área industrial, porém é uma nova realidade para os trabalhadores.

Um fator que marca a região oeste do Paraná e especificamente a cidade de Marechal Cândido Rondon é quando um longo período de seca, na década de 70, prejudicou o “desenvolvimento” econômico. A iniciativa foi ir à busca de novos empreendimentos que não dependessem tanto de fatores climáticos. Em busca de alternativas passou-se a valorizar a diversificação agrícola, além do incentivo de divulgar o potencial dos municípios. A paisagem antes puramente agrícola de Marechal Cândido Rondon passa a ser composta por indústrias alimentícias, frigoríficas, metalúrgicas, em menor grau o ramo têxtil, entre outros. Temos a partir de então a mudança no perfil produtivo com as instalações de indústrias alimentícias como a Frimesa (1980) a Faville (1999), o Frigorífico de aves da Copagril (2005) e a Fidelitá indústria e confecção de *lingerie* ainda em 1993. É sobre a indústria têxtil e confecção e indústria alimentícia que vamos nos deter. Outra perspectiva que tenta explicar o “desenvolvimento econômico” da região é o estudo sobre os APLs. Eles buscam compreender o complexo de relações voltadas para o desenvolvimento econômico da região oeste paranaense, que vem se definindo como industrial alimentícia. Para localizar e compreender tal conceito é necessário uma contextualização sobre como o “desenvolvimento” dos chamados APLs que tem reorganizado alguns setores, e até mesmo regiões – no que se refere à produção – antes conhecida pela exclusiva produção agrícola.

O conceito de Arranjos Produtivos Locais refere-se:

“a aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais, operando um conjunto específico de atividades correlacionadas, que apresentam vínculos, mesmo que incipientes, de articulação, interação, cooperação e aprendizagem. Geralmente envolvem a participação de empresas produtoras de bens de serviço e consultoria, comercializadoras, clientes, entre outros – e suas variadas formas de representação e associação. Incluem também diversas outras instituições públicas e privadas voltadas à formação e capacitação de recursos humanos (como escolas técnicas e universidades), à pesquisa, ao desenvolvimento e à engenharia, bem como à política, à promoção e ao financiamento.” (BORIN, 2005, p. 85)

Esses arranjos assim percebidos nos dão a dimensão do planejamento com que são concebidas as formas de aglomerações espaciais que permitem o desenvolvimento econômico de uma região.

Antes do final da Segunda Guerra Mundial houve a necessidade de uma reformulação da economia mundial, a partir disso realizou-se a conferência de *Bretton Woods* que resultou na criação do FMI (Fundo Monetário Internacional) e o BIRD (Banco Mundial) e a ideia de constituição de um mecanismo que coordenasse as regras do comércio mundial.

No contexto dessa nova ordem mundial surgem os blocos econômicos com o objetivo de criar um mercado comum mundial livre de tarifas alfandegárias. Portanto, os blocos econômicos nada mais são do que associações de países, em geral de uma mesma região geográfica que estabelecem relações comerciais privilegiadas entre si e atuam de forma conjunta no mercado internacional. Um dos aspectos mais importantes na formação dos blocos econômicos “é a redução ou a eliminação das alíquotas de importação, com vistas à criação de zonas de livre comércio” (BEZERRA Jr., 2001, p. 126), assim, os blocos aumentam a relação de interdependência das economias dos países-membros.

O primeiro bloco econômico é criado na Europa, em 1957, a Comunidade Econômica Europeia – CEE (atual União Europeia). Atualmente, os mais importantes são a NAFTA (Acordo de Livre Comércio da América do Norte) de 1992, a União Europeia (UE), o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), a Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (APEC) e, não menos importante o Pacto Andino, a Comunidade dos Estados Independentes (CEI) e a Comunidade da África Meridional para o Desenvolvimento (SADC) (BEZERRA JR, 2001).

A nível mundial as relações comerciais são reguladas pela Organização Mundial do Comércio (OMC), que substituiu o Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT), criado em 1947. Essa organização vem promovendo o aumento no volume do comércio internacional por meio da redução geral de barreiras alfandegárias, esse movimento, no entanto, é acompanhado pelo fortalecimento dos blocos econômicos, que buscam manter maiores privilégios aos países-membros.

Essa regionalização da economia é fortalecida nos anos 90 com o desaparecimento de blocos da Guerra Fria, liderados pelos Estados Unidos e União Soviética, que acaba estimulando a formação das zonas independentes de livre-comércio, que é um dos aspectos do processo de globalização.

Um mercado globalizado permite a abertura de novos espaços para a atuação de empresas multinacionais, organizações, indivíduos etc., e até mesmo a atuação de atores estatais aí inseridos (municípios, estados federados ou províncias), além das organizações internacionais de cooperação e de integração, e os blocos regionais. Essa globalização permite, de um lado, a formação de blocos econômicos regionais, integrando economias e estabelecendo restrições à entrada de produtos provenientes de áreas que estão fora do território estabelecido pelos acordos. Por outro lado, com a globalização temos a integração progressiva dos mercados das nações dentro de um processo de abandono gradativo do protecionismo, iniciado nas décadas passadas e que hoje se revela uma tendência comum à maior parte das nações, onde o fluxo de informações de capitais e de

mercadorias atinge níveis nunca antes alcançados. O Estado que antes era o principal regulador da economia passa a servir ao capital, as mais lucrativas e mais atrativas vantagens para provocar o “desenvolvimento” econômico.

Dentro destes blocos regionais, ou apoiados por eles, existem as grandes empresas multinacionais que acabam por dominar o mercado no segmento onde atuam, sendo favorecidas pelo protecionismo quer seja de portos, quer seja de domínio tecnológico. Esta hegemonia acabou por ameaçar as pequenas organizações, que eram engolidas pelas maiores que competiam com melhores tecnologias, conseqüentemente maior produtividade e preços mais baixos. Foi neste cenário que surgiram as redes de cooperação, de organização, os arranjos produtivos locais, os sistemas produtivos inovativos locais ou sistemas locais de produção. Todas estas formas análogas focam na cooperação e associação entre as empresas, que são as melhores formas destas vencerem barreiras através da união de conhecimentos, divisão de tarefas, compartilhamento de equipamentos, instalações, mão-de-obra, entre outros. São muitas as vantagens da cooperação entre as pequenas e médias empresas. Dentre essas vantagens destacam-se a possibilidade de incrementar seus processos produtivos, não apenas em relação ao volume de produção, mas também em termos de aumento de possibilidades de inovações tecnológicas, tendo em vista que é possível compartilhar os meios produtivos e os investimentos em novas tecnologias, visando claro o aumento do capital.

Para atrair investimentos e conseqüentemente mais riqueza e geração de renda para sua região, vários governos promovem incentivos variados para as empresas. Isso vai desde isenção de impostos e infra-estrutura até a própria construção das instalações da empresa com dinheiro público.

Segundo a TECPAR (Instituto de Tecnologia do Paraná) que integra a Rede Paranaense de Apoio aos Arranjos Produtivos Locais (Rede APL Paraná) que é formada por instituições como, sistema FIEP (Federação das Indústrias do Estado do Paraná), BRDE (Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul) e SEBRAE-PR (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) têm como objetivo proporcionar maior articulação entre os diversos atores que realizam ações nos APLs. O instituto entende que:

“a implantação e consolidação dos APLs é fundamental ao desenvolvimento pretendido para o Estado. Para isso é necessário estruturar planos, estudos e ações de apoio e a promoção ao desenvolvimento de empresas/instituições que estejam localizadas em regiões com clara especialização produtiva, o que permitirá maior efetividade e melhores resultados econômicos para os APLs”.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Plano de Desenvolvimento dos APLs das Indústrias do Vestuário do Oeste do Paraná e Moda Bebê de Terra Roxa. Cascavel - PR. Maio/2006.

A partir desse planejamento o Estado conhece o perfil aglomerativo (a disposição geográfica produtiva) desde sua capacidade de interação (o que a indústria propicia em relação ao crescimento e desenvolvimento econômico) e a capacidade competitiva (definida pelo número de alocações do mesmo setor). Assim, determinadas regiões são inseridas no mercado globalizado e na expansão em longo prazo, permitindo um planejamento do desenvolvimento regional, ou seja, a disposição de setores industriais do mesmo ramo numa mesma região não é uma ação natural, mas sim pensada por parte do capital juntamente com o Estado para que esse fenômeno ocorra.

Jandir Ferreira Lima (2007), ao analisar a dispersão espacial e a alocação do emprego nos ramos produtivos das microrregiões paranaenses, faz um mapeamento segundo os setores mais dinâmicos, ou seja, mais produtivos do Estado e demonstra o crescimento de alguns ramos nos anos de 1985 e 2003. Dessa forma, as indústrias dinâmicas se encontram na região metropolitana de Curitiba, embora as microrregiões de Maringá, Londrina e algumas microrregiões do Sudoeste do Paraná (Pato Branco, União da Vitória, Palmas) também se destacam em alguns ramos produtivos. Os ramos industriais mais dispersos são a indústria metalúrgica e a indústria do papel, papelão, editorial e gráfica, com exceção da metalurgia as outras indústrias dinâmicas encontram-se concentradas em regiões específicas. Já as indústrias de ramos têxteis do vestuário e artefatos de tecidos, calçados e produtos alimentícios e bebidas estão localizadas de forma significativa nas regiões Sudoeste, Oeste e Noroeste do estado.

De maneira geral, Lima (2007) aponta para outro aspecto percebido a partir da análise de microrregiões produtivas, como essa distribuição geográfica da produção está associada à funcionalidade permitida aos setores secundário (ramos industriais) e terciário (comércio e serviços), como é o caso do ramo da construção civil em que se associa fortemente com a maior parte do setor secundário e mais ainda com o setor terciário tanto na comercialização dos produtos, como no escoamento das mercadorias. O setor terciário ainda exerce papel fundamental no que tange a organização espacial do Estado e nas relações de atração ou dispersão da mão-de-obra, embora algumas regiões tenham características diferentes ainda é possível perceber uma estrutura produtiva funcionando de forma integrada, seja no consumo local, seja num âmbito espacial maior que o arranjo produtivo.

As regiões especializadas no setor têxtil - confecções – no estado são:

- a) Na área têxtil de algodão: Cornélio Procópio - Bandeirantes e Campo Mourão - Goioerê;
- b) Na área têxtil de rami, seda e outras fibras as regiões de Cornélio Procópio - Bandeirantes e Londrina – Cambé em menor grau;



- c) Na produção de malhas, linhas e tapeçaria é representativa e três regiões: Londrina – Cambé, Apucarana – Ivaiporã e Maringá – Sarandi;
- d) E seis regiões destacam-se na produção de vestuário e acessórios: Londrina - Cambé, Apucarana - Ivaiporã, Maringá - Sarandi, Umuarama - Cianorte, estas quatro identificadas como o “Corredor da Moda” do norte -noroeste do Estado;
- e) As regiões de Francisco Beltrão - Pato Branco (sudoeste do Estado) e Toledo - Marechal Cândido Rondon (oeste) e também destacam-se no segmento vestuário e acessórios, além das aglomerações municipais de moda bebê de Terra Roxa e de malhas de Imbituva.

Para identificar a presença do setor têxtil no Paraná se faz necessário recuperar seu histórico na produção bibliográfica. No Brasil, houve um aumento das indústrias têxteis, a partir dos anos 70, mas é na década de 80 que este ramo toma maiores proporções. Segundo Colli (2000, p. 22) “o Conselho Nacional da Indústria Têxtil, em 1986, indicava que no Brasil havia cerca de 5 mil empresas, exceto malharias e confecção. Nos anos 90 esse número chega a 5.158 e a partir de 1991 ocorre uma redução “quando a crise gerada pelos tecidos importados afeta todo o setor”.

Já Abreu (1986, p. 109) identifica a partir dos censos industriais de 70 e 80 que para o número de estabelecimentos industriais na categoria Indústria do vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos há um salto de 8.613 em 1970 para 15.338 em 1980. Analisando tais números a autora tenta identificar o número de estabelecimentos que vão desde a grande empresa capitalista até o pequeno produtor independente, o trabalho a domicílio, permitindo o entendimento de todo o setor de têxtil e confecção.

A nível nacional, os anos 90 representam para o país o pleno processo de abertura comercial que através de políticas implementadas pelo governo e as medidas de liberalização comercial e financeira geraram uma crise em alguns setores da indústria, desestruturando diversos segmentos do sistema produtivo do país. Essa abertura do mercado aos produtos importados, segundo, Jinkings e Amorim (ANTUNES, 2006), resultou na quebra e no fechamento de várias linhas de produção em nível nacional. E o setor têxtil foi o que mais sofreu com essa importação. A sobrevalorização cambial foi outro fator que ajudou a agravar a crise na indústria, principalmente, a partir da implantação do Plano Real, já em 94.

Com isso a indústria nacional “perdeu em competitividade nas exportações e no mercado interno com a entrada crescente de produtos importados, principalmente dos chamados ‘Tigres Asiáticos’” (ANTUNES, 2006, p. 340).

As empresas que possuíam maior poder econômico conseguiram manter-se no mercado. Para isso usaram a importação de equipamentos (aproveitando as facilidades para importar), o uso da tecnologia para aumentar a produtividade. Reorganizando e terceirizando o setor produtivo tinham como meta reduzir os custos e aumentar o lucro das empresas. O resultado disso foi um crescente aumento dos níveis de desemprego e subemprego no setor têxtil (CARVALHO, 2007, p. 9).

Uma saída encontrada tanto pelos industriais como pelos trabalhadores foi o trabalho a domicílio. Este não é um fator novo. O que é novo nesse momento é a maneira como as empresas se utilizam dos trabalhadores para a realização deste tipo de trabalho. Colli (2000), ao centrar a sua pesquisa sobre o fezonismo em Americana – SP demonstra como o capitalismo contemporâneo vem se utilizando crescentemente das formas pretéritas e arcaicas de trabalhos externos para a produção fabril, individualizando e precarizando o trabalho no setor têxtil. O fezonismo revela várias formas de contrato por peça, a domicílio, temporário, etc., fazendo com que o trabalhador assumira uma dupla identidade, de pequeno proprietário capitalista, uma vez que se torna dono dos meios de produção e como assalariado de si mesmo, desvinculado das leis trabalhistas e, portanto de seus direitos de trabalhador assalariado. A partir dessas novas técnicas de contratação ocorre um aumento da informalidade e a precarização das relações de trabalho que tem um maior impacto na indústria têxtil. Enquanto para os trabalhadores era um meio de sobrevivência a sujeição a este tipo de contratação, para os industriais era um meio de diminuir seus encargos sociais, pois terceirizando a produção garantia a manutenção de mão-de-obra disponível.

No Paraná a presença do setor têxtil só pode ser percebida, com base nos levantamentos do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), a partir do ano de 1996, que é quando nos fornece dados para estudo. Segundo esses dados no estado o setor têxtil em 1996 empregava mais que qualquer outro ramo da indústria. Dividido o total de empregos pelo total de indústrias teremos em torno de 10.200 empregos por estabelecimento. Já para o setor têxtil temos 13.986 empregos por estabelecimento, o que indica que em 1996 algumas empresas eram de grande porte. Para a região oeste<sup>4</sup> composta por 50 municípios o número de empregos de 126.612 representa para o setor têxtil apenas 1.249 divididos em 192 estabelecimentos. Para a microrregião

---

<sup>4</sup> Formam a Região Oeste Paranaense 50 municípios divididos entre a **Microrregião de Cascavel** formada por 18 municípios: Anahy, Boa Vista da Aparecida, Braganey, Cafelândia, Campo Bonito, Capitão Leônidas Marques, Cascavel, Catanduvas, Corbélia, Diamante do Sul, Guaraniaçu, Ibema, Iguatu, Lindoeste, Nova Aurora, Santa Lúcia, Santa Tereza do Oeste, Três Barras do Paraná; **Microrregião de Foz do Iguaçu** formada por 11 municípios: Céu Azul, Foz do Iguaçu, Itaipulândia, Matelândia, Medianeira, Missal, Ramilândia, Santa Terezinha de Itaipu, São Miguel do Iguaçu, Serranópolis do Iguaçu, Vera Cruz do Oeste e **Microrregião de Toledo** formada por 21 municípios: Assis Chateaubriand, Diamante D'Oeste, Entre Rios do Oeste, Formosa do Oeste, Guaíra, Iracema do Oeste, Jesuítas, Marechal Cândido Rondon, Maripá, Mercedes, Nova Santa Rosa, Ouro Verde do Oeste, Palotina, Pato Bragado, Quatro Pontes, Santa Helena, São José das Palmeiras, São Pedro do Iguaçu, Terra Roxa, Toledo, Tupãssi.

de Toledo composta por 21 municípios do total de empregos de 36.434 representa apenas 464 distribuídos em 93 estabelecimentos do ramo têxtil. A cidade de Marechal Cândido Rondon aparece com 40 empregos distribuídos em 11 estabelecimentos da Indústria Têxtil, do Vestuário e Artefatos de Tecidos, conforme dados na tabela a seguir.

**Tabela 1: Empregos e estabelecimentos no setor têxtil em Marechal Cândido Rondon em 1996 em relação ao estado e a região oeste do Paraná**

	Ano de 1996			
	Paraná	Região Oeste Paranaense	Microrregião de Toledo	Marechal Cândido Rondon
Total de Empregos	1.445.063	126.612	36.434	5.300
Empregos - Indústria Têxtil, do Vestuário e Artefatos de Tecidos	34.965	1.249	464	40
Total de Estabelecimentos	141.809	16.816	5.547	921
Estabelecimentos - Indústria Têxtil, do Vestuário e Artefatos de Tecidos	2.500	192	93	11

Fonte: IPARDES/RAIS. Tabela organizada por Gilvana M. Costa, maio de 2011.

Para o ano de 2000, percebemos algumas diferenças, conforme a tabela abaixo, dentre elas o aumento significativo de estabelecimentos na região oeste e conseqüentemente na microrregião de Toledo e na cidade de Marechal Cândido Rondon.

O número de empregos no setor têxtil em 1996 só em Marechal Rondon que era de 40 dá um salto considerável para 184. Considerável porque o número de estabelecimentos que era de 11 sobe para 19, indicando que algumas indústrias aumentaram sua capacidade produtiva em apenas quatro anos.

**Tabela 2: Números de empregos e estabelecimentos no setor têxtil em Marechal Cândido Rondon em 2000 em relação ao estado e a região oeste do Paraná**

	<b>Ano de 2000</b>			
	Paraná	Região Oeste Paranaense	Microrregião de Toledo	Marechal Cândido Rondon
Total de Empregos	1.653.435	151.125	46.200	6.756
Empregos - Indústria Têxtil, do Vestuário e Artefatos de Tecidos	47.479	3.429	2.316	184
Total de Estabelecimentos	174.508	20.801	6.900	1.142
Estabelecimentos - Indústria Têxtil, do Vestuário e Artefatos de Tecidos	3.289	295	160	19

Fonte: IPARDES/RAIS. Tabela organizada por Gilvana M. Costa, maio de 2011.

Para o ano de 2001 o trabalho de campo realizado por Roseclei Lemke (2002) apresenta quais eram as empresas e quantos funcionários tinham cada uma:

**Tabela 3: Indústrias de confecção em Marechal Cândido Rondon/PR – 2001**

<b>Empresa</b>	<b>Números de trabalhadores</b>
D' Intimus	7
Raquel Malhas	29
Vilégios	10
Reichert	17
Esportiva Paraná	7
Pequena Mania	20
Mada Modas	5
Graphity Malhas	9
Eli Confecções	3
Luxurious	3
Lojas Helena	15
Ala 13	5
Boneste	12
Rilf Lingerie	6
Bela Casa	10
Fidelitá	79
Ponto a Ponto	37
<b>Total</b>	<b>274</b>

Fonte: Levantamento realizado por Roseli Lemke em pesquisa de campo em 2001. (Grifo meu)

O resultado deste levantamento indica que algumas empresas já dominavam este setor na cidade. Dentre elas a Fidelitá já aparecia como a grande aglutinadora de mão-de-obra com um total de 79 trabalhadores das 17 empresas levantadas em 2001. A constituição das indústrias de

confecção de Marechal C. Rondon era basicamente formada por malharias, lingerie e brindes, e a grande maioria dessas empresas era de pequeno porte. Das 17 empresas, 14 empregavam 20 ou menos pessoas. 86% dessa força de trabalho era feminina. As três empresas maiores empregavam juntas 145 trabalhadores, o equivalente a 53% de toda a força de trabalho ocupada no setor. A Fidelitá ainda hoje mantém o seu patamar de ter um grande número de trabalhadores e se manter entre as que mais produzem no que se refere a Marechal Cândido Rondon.

Os dados acima elencados demonstram a tentativa de compreender a organização do APL das Indústrias do Vestuário do Oeste do Paraná que delimita territorialmente os municípios que o integram. No que se refere à cidade de Marechal Cândido Rondon, embora esteja integrado ao APL do vestuário de Terra Roxa, seu ramo industrial não é o setor têxtil. De acordo com o IPARDES, se em 1996 havia 40 empregos formais neste setor na economia da cidade, este número subiu para 142 em 1998, 184 em 2000, 277 em 2003, 322 em 2006, chegando a 349 em 2010. Apesar deste relevante crescimento a cidade tem sido definida como pólo industrial alimentício a partir das instalações de indústrias alimentícias já citadas anteriormente. Fato evidenciado pelo IPARDES, que no ano de 2005 tem registrado 38 estabelecimentos no setor de Indústria de Produtos Alimentícios, e um total de 2.255 empregos ativos. E para 2010, o número de estabelecimentos vai para 43 e o número de empregos ativos, não necessariamente formais, é de 1.723.

Em relação aos 349 empregos gerados pelo setor têxtil, à indústria e confecção de *lingerie* Fidelitá corresponde o número de cerca de 200 “colaboradores” (segundo informações contidas no site da empresa). Contudo, em trabalho de campo ao realizar entrevistas com as trabalhadoras desta indústria, revelaram o número de trabalhadores empregados chega, em épocas de maior demanda da produção, a ultrapassar 280.

Uma das principais características do setor têxtil na cidade diz respeito a sua concentração em uma única empresa, a Fidelitá. Tal empresa reúne sozinha mais de 200 trabalhadores, o equivalente a quase 60% de todos os trabalhadores empregados formalmente no setor. Comparativamente, em Terra Roxa há um aglomerado bem maior de confecções. Afora o fato de, como observa Terezinha B. Carvalhal:

[...] há uma concorrência entre os trabalhadores que, estando qualificados (pelos cursos ofertados pela fábrica-escola da cidade), competem pelas vagas ofertadas nessas indústrias. Não obstante, o secretário da Associação APL salientou, por outro lado, que há falta de mão-de-obra qualificada para trabalhar nas indústrias competindo entre si no que se refere à mão-de-obra, pois os trabalhadores ficam dispersos trabalhando a domicílio. (CARVALHAL, 2009, p. 62)

Essa dispersão concilia os interesses do capital, pois:

[...] as trabalhadoras domiciliares são uma reserva de mão-de-obra, para que em determinado momento possam utilizar no sentido de economizar com os custos de mão-de-obra, pois conforme visto, o custo com essa forma de trabalho, é nenhum. E nesse processo há um forte apoio público e político expresso no acesso a recursos subsidiados e políticas protecionistas em nome do desenvolvimento. Mas sabemos que esse desenvolvimento é desigual, que as benesses são para poucos. (CARVALHAL, 2009, p. 246)

Para compreender como foi desenvolvido o APL das Indústrias do Vestuário do Oeste do Paraná que privilegia tal desenvolvimento segue abaixo os “desafios” apresentados:

- 1) Fortalecer o projeto APL das Indústrias do Vestuário do Oeste do Paraná aproveitando os potenciais existentes como a proximidade da fronteira com o MERCOSUL, crescente estrutura turística regional e identidade cultural da região a exemplo de pólos já consolidados no estado;
- 2) Transformar a região em produtora de moda, não apenas confecção, criar uma identidade de moda própria da região focada no público consumidor das classes B e C os quais somam 63,2% do mercado consumidor em potencial;
- 3) Criar um programa de capacitação abrangente e contínuo no setor voltado a empresários, e profissionais das indústrias de confecções (modelistas, designers, supervisores de fábrica, mecânicos, costureiras e outros) realizando-o de forma descentralizada nas microrregiões do APL;
- 4) Obter o reconhecimento da sociedade sobre a importância do setor na geração de emprego e renda da região, de forma que se consiga mais apoio de instituições públicas e privadas para o fortalecimento do setor em ações como: flexibilização da legislação trabalhista, linhas de créditos facilitadas, redução de impostos e outros;
- 5) Desenvolver ações específicas para melhorar a qualidade e adequar os produtos às exigências do mercado a ser atendido, preparando empresas para o mercado externo;
- 6) Criar um centro tecnológico para desenvolvimento e disseminação de novas tecnologias;
- 7) Fortalecer e ampliar cursos de graduação em moda/estilismo e outros afins aumentando a disponibilidade de profissionais no mercado;
- 8) Construir um *shopping* de atacadistas que seja referência para comercialização da moda produzida na região Oeste do Paraná;
- 9) Articular esforços conjuntos entre as iniciativas pública e privada, para criação de linhas de créditos específicas e facilitada para o desenvolvimento e fortalecimento do setor;
- 10) Desenvolver ações específicas de mercado, preparando os empresários para a definição de estratégias de comercialização dos seus produtos de forma profissional, fugindo do dilema tradicional de que as indústrias estão “nas mãos” dos representantes comerciais.

A partir disso, constata-se o nível de estudo que é realizado e quais são os interesses defendidos, pois nenhum desses desafios questiona ou propõe pensar as condições de trabalho a que os trabalhadores estão submetidos. Os “desafios” apontados são voltados a atender os interesses do

capital e em como poderá ser extraída maior lucratividade dessas microrregiões.

O processo de industrialização recente de Marechal Cândido Rondon, como podemos perceber, é resultado de ações constantes do Estado e de instituições tanto públicas quanto privadas para atrair investimentos e o chamado “desenvolvimento econômico” para a cidade. Neste processo está à classe trabalhadora que na busca para suprir suas necessidades e garantir a sua sobrevivência encontra-se submetida aos desmandos do capital.

A partir da análise das entrevistas tentaremos compreender a rotina e as relações de trabalho vividas pelas trabalhadoras da Fidelitá, para identificar quais são as possibilidades apontadas pelas trabalhadoras diante de um mercado de trabalho precarizado.

As formas de organização impostas hoje aos trabalhadores dos diferentes ramos das indústrias têm como objetivo organizar a produção, extraindo do trabalhador a autonomia. Há ainda o emprego de técnicas que buscam o aproveitamento de cada segundo desperdiçado na produção o que resulta na alteração das relações de trabalho, seja no significado social que o trabalho representa seja no sentido dado pelo trabalhador.

Analisando o recente processo de industrialização de Marechal Cândido Rondon/PR percebe-se que não há apenas um sistema que organiza a produção, mas um emaranhado de formas organizacionais percebidas através dos relatos das trabalhadoras.

Dentre as formas de organizações existentes no mundo fabril estão o fordismo e o toyotismo. Identificadas em diferentes ramos da indústria e em diferentes lugares do mundo cada uma têm como objetivo principal aumentar a produtividade (eliminando o desperdício de tempo e de matéria-prima), pois esta passa a ser em grande escala e a forma mais atual que tem por objetivo a captura da subjetividade do trabalhador pela lógica do capital. Ambas as formas de organização foram criadas com o objetivo único de aumentar a produção gerando uma acumulação flexível o que para o trabalhador gera maior exploração da sua força de trabalho.

A organização do que a gente pode chamar de regime fabril é uma interpretação por parte do patrão sobre as leis trabalhistas, em que ele percebe o que ele pode alterar sem necessariamente infringir essa lei, mais que consiga uma maior extração ou maior exploração dessa mão-de-obra.

Portanto, as organizações internas existentes nas fábricas servem para além de organizar a produção têm servido também como um elemento de coerção. Diante de um mercado de trabalho restrito em que as condições em que se desenvolvem (frigoríficos) são precárias com diversos desdobramentos, incluindo o esgotamento rápido das condições físicas dos trabalhadores, a Fidelitá, realiza sua extração de mais-valia, através de uma coerção de certa forma sutil.

A Fidelitá forma um mercado de mão-de-obra de reserva, ou seja, produz uma mão-de-obra especializada que fica a sua disposição, pois não tem uma empresa que seja concorrente direta dela, por exemplo, o caso de Terra Roxa que tem mais de uma empresa de grande porte, isso gera uma concorrência de mão de obra. No caso da Fidelitá não, ela tem seu próprio exército de reserva, como indicado por uma trabalhadora de que ela ganhou a conta, mas depois quando as “vendas melhorassem” eles a contratariam novamente.

A exemplo do segmento de confecção-bordado infantil de Terra Roxa o processo produtivo de confecção de lingerie também se divide em uma sequência produtiva de etapas que corresponde à aquisição de matérias-primas; criação/design; corte; costura; acabamento; controle de qualidade (revisão, eliminar os fios); preparação do produto para embalar; embalagem; e a comercialização. Segundo Franco (2005) a primeira etapa da produção se torna a mais complexa para o desenvolvimento do APL de Terra Roxa, por não existirem fornecedores de tais matérias-primas e equipamentos na cidade, é o que também ocorre em Marechal C. Rondon. Todos os aviamentos e materiais necessários são adquiridos principalmente dos estados de Santa Catarina e São Paulo (cerca de 70%) e o restante do Paraná, em específico a cidade de Maringá (cerca de 30% dos insumos e equipamentos). No caso da Fidelitá, seu principal fornecedor é São Paulo. As outras etapas são, tanto em Terra Roxa como em Rondon, produzidas internamente, não existindo firmas especializadas em uma ou mais etapas do processo produtivo. As empresas daquele APL possuem produção, marcas e mercados diferenciados, a Fidelitá também se enquadra nessa característica por possuir marca própria e dominar em certa medida um mercado nacional, evidenciado no fato de não haver produção de reserva ou estocagem. Segundo as trabalhadoras a um número pequeno de peças no estoque, e sendo este voltado apenas para a demanda do mercado interno.

A trabalhadora Vilma<sup>5</sup>, 35 anos, casada, costureira da Fidelitá a 7 anos, formada em História pela Unioeste, salário de R\$ 696,00. Para Vilma o trabalho é: “acho que tudo né, porque é além de eu tá trabalhando, tá recebendo né, precisa trabalhar que é importante trabalhar”. E trabalhar na área da costura sempre a atraiu: “teve uma que eu gostei, sempre gostei da área da confecção” diferente da formação que teve.

[...] eu não fui atrás também é, de formar pós, pós-graduação e tal, é hoje assim é mais uma opção minha tá costurando porque é uma área que eu gosto mais do que... né, do que leciona né, eu, eu penso em tá me qualificando na área de confecção né, eu pra mim assim é mais uma opção.

---

<sup>5</sup> Entrevista realizada em janeiro de 2010 na casa de Vilma.



Cátia<sup>6</sup>, 24 anos, solteira, mora com os pais, formada em História pela Unioeste, trabalha na Fidelitá há 4 anos e nove meses. Começou a trabalhar porque queria continuar seus estudos: “desesperada não tinha nada em vista e eu queria fazer uma pós e não tinha dinheiro e o único lugar que ah, pronto tem vaga e eu fui lá, e daí eu só preenchi uma ficha e logo chamaram”.

Porém, mesmo depois de ter feito uma pós-graduação não entende porque continua na fábrica conforme expressa:

eu tenho vergonha do meu serviço, tenho vergonha de trabalhar lá, e eu estudei não sei por que eu tô lá, eu fui trabalhar lá pra pagar a pós, terminei a pós e continuei lá, comecei outro curso, mas parei com o outro curso, continuo lá, e eu tenho vergonha de levantar todo dia me sentar lá na máquina ficar lá oito dias, ficar lá 8 horas por dia fazendo a mesma coisa, então porque que eu estudei, meu serviço sinceramente é uma merda, eu acho que qualquer um pode tá lá fazendo isso, se colocar um macaco lá o dia inteiro vai conseguir fazer, então porque que eu tô lá porque eu estudei e porque que eu não vou atrás de outra coisa (riso), mais aqui em Rondon se eu saí de lá eu vou aonde numa loja pra ganhar menos ou então, ou então no frigorífico ou depender de concurso também, fazer o quê?

Além de demonstrar toda sua insatisfação com o trabalho que realiza dá indicativo sobre as poucas possibilidades que a cidade apresenta de trabalhar na área de sua formação. Há também o reconhecimento de sua parte, sobre os outros trabalhadores que considera estarem em piores condições como o setor de serviços e o trabalho nos frigoríficos.

Quando Gelci começou a trabalhar na Fidelitá era período de vendas para o dia dos namorados, assim que passou esse período foi demitida e mais tarde a contrataram novamente:

Ah, porque dizem que as vendas caíram aí então, eles chamaram todas as que tinham sido contratadas né, então era experiência de três meses acabou a experiência deram a conta pra todas e disseram que tinha reduzido as vendas e que eles não precisavam mais, mas que mais pra frente eles queriam contratar de novo, aí eles me deram a conta fiquei um mês em casa, deu certinho um mês nem procurei emprego ainda daí me ligaram perguntando se eu queria voltar que já tinha voltado as vendas e tal, mas isso era... Mais isso é pura desculpa isso é desculpa deles é pra cortar gasto mesmo.

Dessa forma os trabalhadores ficam a mercê do mercado como se este fosse um sujeito definindo quando e como trabalhar. Outro aspecto é percebido sobre essas demissões e (re) admissões é o fato de que eles contratam por três meses e quando encerra o contrato por tempo de experiência eles (re) admitem com outro CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica) como denunciado no relato seguinte:

---

<sup>6</sup> Entrevista realizada em janeiro de 2011 com Cátia e Gelci na casa desta última.

[...] aí eles têm esse lance de ficar mudando a pessoa de firma porque lá são três firmas que trabalham em uma, pra não precisar pagar o imposto porque se eles contratam mais gente eles passam de média a grande, daí tem que pagar mais imposto, então pra não pagar cada um tem um, um da Neusa um do Jorge e da filha agora e daí eles ficam jogando, primeiro eles contratam um de três meses numa firma aí saiu da experiência eles te jogam pra outra firma, mais três meses que é pra num tá pagando tudo que tem que pagar.

Essa manobra realizada pela empresa permite a ela menos custos com a folha de pagamento o que resulta em maiores lucros para os patrões e denuncia e desmistifica ao mesmo tempo a matéria do jornal “O Presente” anteriormente analisado. Neste mesmo exemplar sobre os problemas enfrentados pelo “mercado de trabalho” o jornal trazia a presidente da Acimacar apontando que “Outro fator que influencia o constante vai e vem dos empregados nas empresas é a cultura da região”. Segue dizendo que não há uma predisposição para o trabalho em turnos, que é cultural o problema de os trabalhadores não quererem dispor do final de semana, feriados e a madrugada. A sua análise continua em tom de indignação de que entre os prejuízos da rotatividade estão os altos custos rescisórios.

Indiferente de quem desligou, se foi funcionário ou empregador, a operação tem custos e este valor poderia estar sendo aplicado em investimento e melhoramento ou ainda no próprio salário do empregado. [...] Quando é o empregador que desliga o funcionário, os custos aumentam ainda mais pela multa e acarreta oneração aos cofres públicos. (*O Presente*, março de 2011).

Há ainda a trabalhadora Aline<sup>7</sup>, 22 anos, solteira, morava com um irmão, trabalhou na Fidelitá entre janeiro de 2007 e novembro de 2008, período este em que considera “puxado”, pois ingressou no curso de Geografia na Unioeste e seu salário era de R\$ 696,00. Sua entrada na Fidelitá se deu “quando eu entrei na fábrica, como eu participo da Igreja Congregacional do Brasil, lá tinham outras duas meninas que também trabalhavam na fábrica e falavam muito bem da fábrica”. Porém sua percepção quando perguntada sobre o sentido do trabalho que realizava responde que:

Ah, eu cresci bastante eu aprendi a conviver com várias pessoas juntas ao mesmo tempo, vê pessoas brigando por coisas que, sei lá, relevantes sabe, discutindo coisas relevantes e você olhar assim, meu que irônico isso sabe, sei lá, nesse sentido pra mim teve um crescimento bem, bem legal assim.

Ao mesmo tempo sentia frustração sobre a função que realizava por se dar conta do quanto era explorada:

---

<sup>7</sup> Entrevista realizada em janeiro de 2011 com Aline na Biblioteca da Unioeste – MCR.

Eu sei que eu ficava frustrada todos os dias, eu via assim uma caixa, duas caixas de sutiã que eu faço por dia eu pago meu salário [...] porque se nós for analisar o sutiã que, digamos de lycra, a gente não compra a menos de trinta reais né, e vinham vinte sutiãs numa caixa de que eu fazia [...] aí multiplicado pelo mês, tudo bem que tem custo né, de produção né, tem custo de mão de obra, só que a mão de obra eu acho que é o menor de todos [...] Talvez por isso que a empresa tenha crescido em dezesseis anos né, tanto (risos).

Segundo Marx (1982) em *Para a crítica da economia política*, parte de sua jornada de trabalho seria suficiente para o operário garantir sua subsistência, mas como este vende sua força de trabalho por uma jornada inteira, realiza o sobre trabalho, resultando na extração da mais-valia. A trabalhadora identifica que seu salário estaria pago com apenas 20 minutos do seu trabalho diário. Portanto ela reconhece que realiza um trabalho em que é explorada e que seu salário não condiz com o que realiza.

Esta trabalhadora continua dizendo que não é novidade esse tipo de exploração e devido às poucas opções que a cidade oferece as possibilidades ficam limitadas a esse tipo de trabalho:

Mas a gente sabe que não é só Fidelitá a gente sabe... e que isso acontece em vários tipos de empresas né, é o sistema né, é o sistema que a gente vive, fundamenta isso, infelizmente, e a gente se submete calado muitas vezes porque não tem alternativa.

A trabalhadora Cátia ao descrever sua rotina de trabalho apresenta um elemento que não foi mencionado por pelo menos a maioria das entrevistadas, a questão do café da manhã.

Tem o café da manhã né, a gente chega daí cada célula tem o seu horário, o nosso é oito e quarenta, tem dez minutos pode sair pro café, ir no banheiro, lava as mãos e volta pra máquina, fora isso tem a ginástica laboral que é três, perto das três horas que todo mundo faz junto.

Ainda sobre a rotina de trabalho quando questionada esta outra trabalhadora, a Aline, além de descrevê-la relata sua percepção sobre o trabalho na fábrica:

A gente entrava as sete e meia, saía ao meio dia daí as uma e meia até as cinco horas e aí na sexta feira a gente trabalhava até as cinco e meia, mas era uma rotina meu todo dia a mesma coisa a gente batia o cartão aí tem o banheiro tal e deixava seus pertences né, aí tipo nesse sentido de ter horários pra banheiros coisas assim não tinha, aí as nove e quinze tinha o horário pro café da manhã aí eram divididos por setores pra não dá tumulto e tal.

Quando as trabalhadoras relatam a rotina em alguns dos casos não é comentado a questão do controle, mas para outras isso aparece da seguinte forma:

Cátia: ...a gente pode ir no banheiro e pega água e tem que ser rápido

Gilvana: Têm algum controle quanto a tempo, quantas vezes?

Cátia: É, às vezes eles vão atrás no banheiro buscar se você tá demorando... Você vai no banheiro fazer qualquer coisa tem alguém que tá te dedando

Gilvana: As próprias colegas de trabalho?

Cátia: Sim, qualquer coisa que você faça é dedada.

Essa percepção se estende através da indignação de Vera ao mencionar a vigilância constante das coordenadoras e das próprias colegas:

Meu, pega muito no pé é demais, você não tem liberdade ou que nem um dia eu fui no banheiro, aí lá encontrei outra lá de outro setor, mas daí tipo, por coincidência não por, nada de combinar, nada de combinar, cheguei lá daí a gente conversando, mas aí eu lavando a mão aqui ela aqui, daí a gente só parou um pouco, tá conversando aí uma outra né, mandante dela (coordenadora) foi lá viu que nós tava já levou pra ela que nós tava conversando, a hora que eu sentei na minha máquina é “vê se pára com esse negócio de fica marcando encontro no banheiro vocês tão em horário de serviço” falou bem assim, tipo não precisava falar assim então, com esse cinismo né.

Existe também um controle que é realizado por câmeras de vigilância como lembra Aline de quando trabalhava na fábrica:

Até eles colocavam assim, que tinha câmeras até hoje tem câmeras lá daí até as próprias líderes de célula elas falavam vocês acham que essas câmeras é pra que né, [...] tinha um controle bastante grande nessa questão de conversa claro que uma hora ou outra tu conversava saía uma piadinha e tal, mas nesse sentido era bem controlado.

Uma questão que incomodou algumas trabalhadoras são as mudanças realizadas recentemente, dentre elas, o fato de terem retirado os relógios da parede que resulta num controle maior ainda:

Vera: ...que nem agora a questão do relógio, porque que tiraram os relógios? Por causa que, muita gente, dava 5 pro meio dia muita gente parava de trabalhar aí já por isso que tiraram os relógio acho que nesse sentido que acho que também muda alguma coisa sabe, pra nós é pior né, é ruim

Não ter mais o relógio na parede, para que possam se orientar significa que as trabalhadoras podem até mesmo ser enganadas quanto ao fim da jornada de trabalho, pois como comenta Adriana “é porque tem o horário né, vai no banheiro sei lá, uma coisa, e tiraram todos os relógio a gente fica sem hora”. Ou como demonstra Vera:

É, hoje a gente fica sem nenhum relógio a gente não pode nem olhar a hora, e os computadores das digitais foram todos desligados né, e daí nem a hora a gente pode vê, é e daí quando é 5 pra meio dia falaram que daí a moça lá vai vim a vai

liga o computador já pra gente fazer, bater (a digital) [...] Aí a gente não tem horas, igual pra quem tem digamos uma consulta né, tem que ir no médico digamos dez horas, isso que eu me perguntei né, a gente não vai saber que horas que é pra gente poder saí, isso eu nem lembrei de perguntar se alguém vai avisar a gente.

A trabalhadora Gelci aponta que no momento da sua contratação foi apresentada a fábrica para o grupo que tinha sido contratado, inclusive ela:

Quando eu entrei inclusive daí teve todo aquele processo de contratação, beleza, passei pelas psicólogas fui contratada aí nos primeiros dias chamaram todas as que entraram lá no refeitório né, pra uma reunião aí pra apresenta a fábrica daí mostraram fotos e tudo, eles falando nossa “onde vocês viram uma empresa oferecer isso pros funcionários, tem café da manhã, tem ginástica, os banheiros limpinhos” e daí na fala do ambiente “é tudo bonito porque tem a grama lá, tem os bancos lá, e tem as flores” e não sei o que e nenhuma empresa se preocupa com isso, mas nós se preocupamos, nos preocupamos com o bem estar dos funcionários.

Para Cátia toda a “beleza” estrutural não é para ser desfrutada pelos trabalhadores e sim para os vendedores que vêm conhecer a fábrica para possíveis negociações.

Que é mentira, tem tudo bonitinho porque vem gente de fora fazer visita na fábrica, se fosse só pra gente, é porque os compradores eles volta e meia eles vem lá e visitam a fábrica e tal, por isso daí eles têm orgulho de mostrar como é arrumadinho, mas não é pra nós.

As trabalhadoras o descrevem de maneira bastante irônica:

Gelci: O café da manhã é horrível

Cátia: As pessoas que trabalham lá são uma merda também

Gilvana: Como é o café da manhã?

Gelci: O café é todo dia aquele pão é tão ruim eu não sei como é que pode ser tão ruim um pão francês, meu se fosse qualquer pão menos aquele lá porque é muito ruim daí com margarina ou com doce

Cátia: Bom no café da manhã eu nem tenho o que reclamar muito assim o que reclamar eu nem sei se eles são obrigados por lei acho que não né.

Gelci: Não

Cátia: Não né, eles tão dando de coração, não acho que o café da manhã tá certo então, ainda tem a opção do doce e da margarina, é porque se não a gente desmaia de fome, mas é o problema é que eles são tão mão de vaca, tão mão de vaca que agora eles rapam tudo os pote de margarina e socam tudo num e querem que a gente coma aquilo lá, por isso que eu digo eles tratam a gente como lixo, meu, mas como o lixo mesmo, se eles puder, acho, que trazer o resto que sobra na mesa deles o Jorge e a Neusa e joga lá tipo lavagem pra gente comer eles vão fazer isso, eles só ainda não fizeram porque não tiveram a ideia, não mostra isso pra eles (risos)

Gilvana: Mais o fato de eles organiza o café da manhã isso é vendido com que imagem pra vocês?

Cátia: Não, eles se orgulham falam nossa olha como nós somos bons com vocês que empresa que dá isso [...] eles se acham o máximo, mas é só uma, é pão e circo

[...] Meu, tem gente que é tão pobre e burro e idiota que ainda é capaz de agradecer, meu tipo...

Esses atrativos, que a Fidelitá desenvolve, são como apontado pelas próprias trabalhadoras, para mascarar as exigências na produção. A empresa mantém sua “máscara” tanto em relação as suas ações como nas informações contidas no seu próprio site.

A Fidelitá é uma indústria especializada em moda íntima, lingerie dia e linha noite. Possui hoje um dos mais modernos parques industriais do país, garantindo a fabricação de peças de alta qualidade. Com cerca de 200 colaboradores diretos e design próprio, a Fidelitá tem capacidade produtiva de 100 mil peças por mês. São produtos como soutiens, calcinhas, cintas-ligas, espartilhos, corpetes, caleçons, short dolls, camisolas e robes, confeccionados com diversos tecidos, de tecnologia avançada como cóton, microfibras, neo confort, ligante, rendas, entre outros materiais dos melhores fabricantes do segmento. Além da missão de encantar os clientes com produtos cada vez mais inovadores, mantém forte os valores de respeito ao ser humano, de ética e transparência em toda atividade, conquistando assim uma posição de confiança no mercado nacional e de exportação. Nossa empresa acredita na valorização de seus colaboradores, fornecendo um ambiente de trabalho que propicia a qualificação e o desenvolvimento profissional. A Fidelitá está localizada na cidade de Marechal Cândido Rondon, no oeste do Paraná. Há 18 anos no mercado, tem como principais objetivos, a inovação, a qualidade dos produtos, o fidedigno e rápido atendimento aos clientes. (*A Fidelitá*, abril de 2010).

A “missão” desta empresa, segundo suas informações, é a de “encantar” o interessante que nesta apresentação não faz-se presente que para a realização de toda a produção e a distribuição se faz necessária a presença do trabalhador: é como se a fábrica tivesse apenas máquinas e não pessoas trabalhando. Nos argumentos que lança, percebo uma contradição, pois onde está, neste sentido, “os valores de respeito ao ser humano”? Principalmente depois de entrevistar as trabalhadoras e descobrir sentimentos como “tratam a gente como lixo”, “eu tenho vergonha do meu serviço”, “meu serviço sinceramente é uma merda” ou, “meu que nojo esse é o valor que eles dão aos funcionários”.

Dessa forma as expectativas das trabalhadoras ficam condicionadas a essa ilusão de que a Fidelitá é um bom lugar de trabalhar até fazerem parte daquela realidade e descobrirem como se desenvolvem as relações de trabalho.

A trabalhadora Gelci tem a necessidade de se manter em dois empregos um em que se realiza e outro que é para manter-se, sobreviver aqui na cidade.

Gelci: Bom eu também ando, vamos dizer, se eu olhar pro meu emprego anterior (vendedora de convênio funerário) eu agradeço de tá ali né, (risos), é um serviço tranquilo é um horário bom, gosto do horário eu até gosto de trabalhar lá eu até gosto de costura porque eu ainda não enjoei porque eu tô aprendendo ainda, mas é

uma coisa que eu não quero fazerr, porque é, você fica ali o dia inteiro fazendo a mesma coisa isso é uma coisa tão, eu acho tão inútil assim, você não, eu sinto que o que eu faço não é nada de importante assim sabe, e eu o que eu quero mesmo é trabalha na área, mas eu acho isso é um, é só um período que eu vou ficar ali né, assim que eu consegui um serviço na minha área qualquer coisa mesmo que seja temporário eu abandono esse emprego mesmo que ele seja fixo eu abandono pra pega um temporário na minha área por exemplo

Gilvana: Que é?

Gelci: Dar aula né, eu to dando aula à noite né, mais é, eu não consigo me manter só com esse, com essas aulas que eu dou

Gilvana: Você tá como PSS?

Gelci: Não é PSS, eu peguei aula do Paraná Alfabetizado, então eu to trabalhando com alfabetização, mais se eu conseguisse me manter com essas aulas eu já teria saído de lá.

Outra trabalhadora que diz que o melhor lugar é trabalhando como professora é a Aline:

Com certeza na escola, eu não sei acho que, todo mundo diz assim, meu Aline você nasceu pra ser professora, se bem que eu não consigo me imagina daqui a 10 anos sendo professora, ainda mais na situação que a educação se encontra hoje né, mais eu sei lá, eu gosto de tá trabalhando com crianças principalmente, eu não sei eu acho que é aí o futuro da nossa sociedade é aí que talvez a gente possa colocar uma sementinha, plantar alguma coisa pra que no fundo [...]Não que a gente queira abraçar o mundo né, mas eu acho que o que tá ao nosso alcance a gente tem que fazer.

A Fidelitá se constitui oferecendo condições de trabalho pouco melhores que outras indústrias da cidade, porém isso faz com que realize sua extração de mais valia de forma sutil. Poucas trabalhadoras se dão conta dessa extração, a maioria ainda considera um bom lugar para se trabalhar. Como é o caso de Mara que nos 15 anos de trabalho na Fidelitá continua afirmando que a preocupação dos patrões sempre foi “mas sempre é pra melhorar pra desenvolver mais pra o funcionário se, como é que fala, te melhorias pro funcionário sabe, sempre pra melhor, pra não funcionário pegar corre lá pra pegar coisa”. Mesmo depois de sair e montar sua própria fábrica carrega a mesma lógica a que estava acostumada na fábrica:

Olha, lógico que aqui é meu né, não tem o que dizer, mas só que assim, como é que eu vou te dizer, assim o tem que fazer, tem que trabalha, tem que melhorar, continua o mesmo pra mim, então não tem, não mudou muita coisa pra mim, que eu sei que eu tenho que melhorar todo dia que eu tem que fazer melhor que eu tenho que aperfeiçoa mais, então a responsabilidade é a mesma pra mim quando eu tava lá e agora aqui é a mesma entendeu eu sempre vou ter que melhorar né.

Realizar esse estudo de caso permitiu conhecer como as trabalhadoras significam suas experiências de trabalho e como suas expectativas e possibilidades de trabalharem na área que tiveram formação está limitada pelas poucas opções oferecidas na cidade de Marechal Cândido

Rondon. Pois enquanto algumas mantêm seu trabalho na fábrica outras que sonham em fazer uma faculdade vêem suas colegas formadas trabalhando na linha de produção. O capital ao ir à busca de novas possibilidades de extração de mais valor limita as possibilidades dos trabalhadores, deixando-os com poucas opções de escolha. Rondon tem a oferecer um precário mercado de trabalho como indicado no desabafo de Cátia “mais aqui em Rondon se eu sair de lá eu vou aonde, numa loja pra ganhar menos ou então, ou então no frigorífico ou depender de concurso também, fazer o quê?”. De um lado temos a classe dominante veiculando o discurso de que em Rondon tem trabalho por outro os trabalhadores tem suas possibilidades limitadas.